

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM DOCÊNCIA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA

José Márcio Duarte de Assumpção

O BAOBÁ DO LADO DE CÁ
(Os elementos culturais afrobrasileiros em uma perspectiva identitária
dentro da sala de aula)

Belo Horizonte

2010

José Márcio Duarte de Assumpção

O BAOBÁ DO LADO DE CÁ
(Os elementos culturais afrobrasileiros em uma perspectiva identitária
dentro da sala de aula)

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em História da África e Cultura Afrobrasileira, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Maria José Batista Pinto

Belo Horizonte

2010

José Márcio Duarte de Assumpção

O BAOBÁ DO LADO DE CÁ
(Os elementos culturais afrobrasileiros em uma perspectiva identitária
dentro da sala de aula)

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em História da África e Cultura Afrobrasileira, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Maria José Batista Pinto

Aprovado em 11 de dezembro de 2010.

BANCA EXAMINADORA

Maria José Batista Pinto – Orientadora – Laseb/Faculdade de Educação da UFMG

Liliane dos Santos Jorge – Professora convidada –Laseb/Faculdade de Educação da UFMG

Miriam Lúcia dos Santos Jorge – Professora convidada - Faculdade de Educação da UFMG

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora, Maria José Batista Pinto, que com toda a sua paciência foi fundamental na construção deste Plano de Ação.

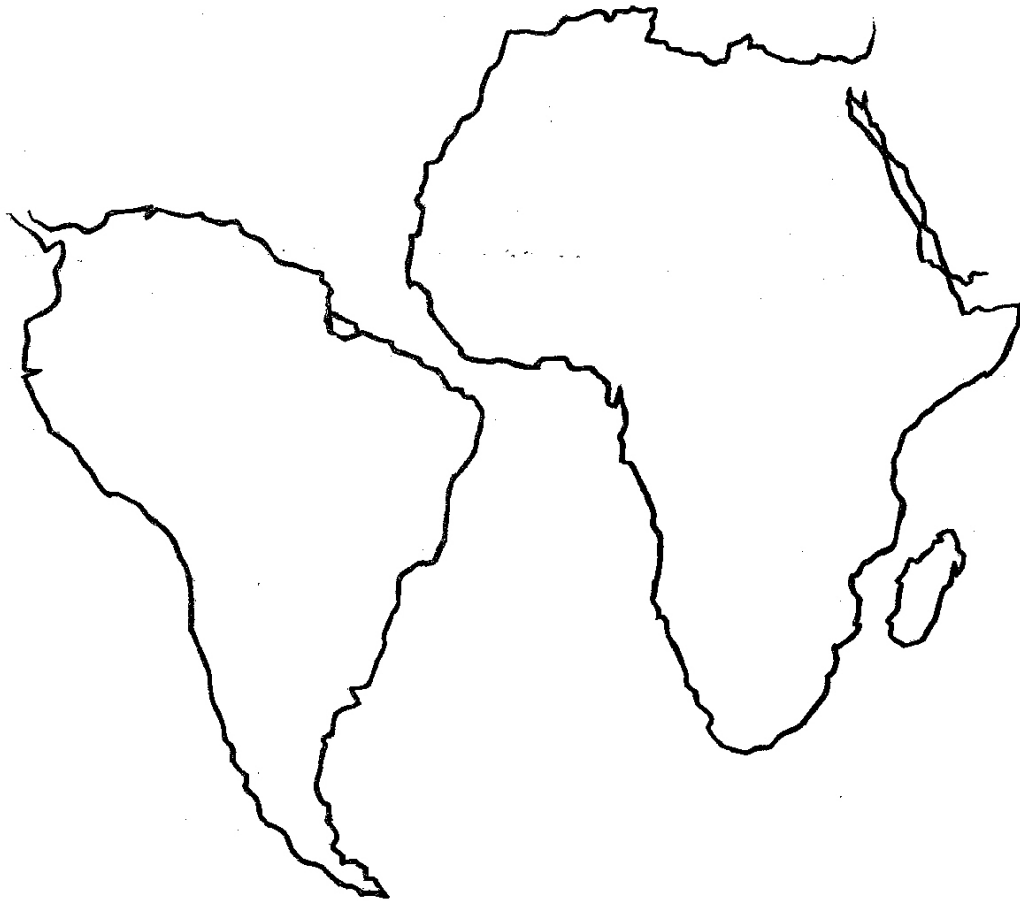
Agradeço aos meus colegas de curso (História da África e Culturas Afro-brasileiras), especialmente a Marilene Penido e a Cristina Márcia Moliva, pelas suas contribuições.

O BAOBÁ



DO LADO
DE CÁ

O QUE A CULTURA UNE



A TERRA NÃO SEPARA

“É que os meninos brancos...,
esqueceram as histórias,
com que as amas-secas pretas os adormeciam,
nas longas noites africanas...” (Alda Lara)

RESUMO

A partir da identificação dos elementos culturais que interligam terras fisicamente tão distantes e culturalmente tão próximas, este trabalho se debruça sobre nossa identidade afrobrasileira, buscando valorizá-la e fortalecê-la no espaço escolar, para que ela, em um futuro próximo, ocupe os espaços sociais, políticos e culturais a quem tem direito no bojo de toda nossa sociedade. A partir desta perspectiva foi desenvolvido um Plano de Ação, tendo como referência para se chegar as nossas constatações, uma turma de alunos do 4º ciclo do noturno da Escola Municipal Santos Dumont. Com base na tabulação de dados referentes às questões étnico-raciais, formuladas em um questionário respondido pelos alunos, evidenciou-se o desrespeito e a desvalorização com que são vistos e percebidos os elementos culturais de origem afrobrasileira. Mesmo sendo, conforme averiguado no questionário, a maioria dos alunos da turma, classificados como negros pelas convenções sociais. A partir daí desenvolvemos práticas e formas de trabalhar este tema, dando um enfoque cultural e artístico, por meio da música, da dança e da literatura, propiciando um maior envolvimento e participação dos alunos, fazendo com que os mesmos desenvolvessem habilidades e aptidões fundamentais para um maior engajamento escolar.

Palavras-chave: Identidade; Cultura; Afrobrasileiras; Étnico-raciais.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 01 – Como se auto-denominam racialmente	15
Gráfico 02 – Relação cultural entre Brasil e África	16
Gráfico 03 – Candomblé e Congado	17

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
1.1. Sobre minha docência.....	11
1.2. Caracterização do contexto, do público e demanda de abordagem pedagógica étnico racial.....	12
1.2.1 A Escola Municipal Santos Dumont.....	12
1.2.2 A comunidade escolar e o seu entorno.....	12
1.2.3 Corpo docente, corpo discente e funcionários.....	13
1.2.4 Os alunos e a relação com a escola e com os professores.....	13
1.2.5 Perfil dos alunos de uma turma do segundo ano do Ensino Médio.....	14
1.2.6 Os alunos de uma turma do segundo ano do Ensino Médio e as relações étnicos raciais	15
2. JUSTIFICATIVA	18
3. OBJETIVOS	20
3.1 Objetivos Geral	20
3.2 Objetivos Específicos	20
4. REFERENCIAL TEÓRICO	21
4.1. Identidade Étnico Racial	21
4.2 Identidade da fala-Oralidade.....	21
4.3 Identidade Negra	22
4.4 Diversidade Sociocultural Brasileira e Educação para as Relações Étnico raciais.....	22
5. METODOLOGIAS E TÉCNICAS	24
5.1 Identidade e sua Constituição.....	24
5.2 Diversidade Socio-Cultural no Brasil.....	24
5.3 Cronograma de Desenvolvimento das Ações Educacionais.....	25
6. AVALIAÇÃO.....	26

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
8. REFERÊNCIAS	29

1. INTRODUÇÃO

Entre os principais elementos da natureza que simbolizam e nos remetem ao Continente Africano está o Baobá, a sagrada e milenar árvore que, segundo alguns nativos é a morada dos espíritos ou a morada de orixás. Os Baobás são símbolos de resistência dos povos negros. Procurar este Baobá aqui, em terras brasileiras, no território da sala de aula, trazendo a tona uma gama de elementos culturais africanos é o que se propõe este trabalho. Não deixando de perceber que essa matriz cultural se fundiu a outras, num incessante processo de transformação e recriação identitária. A partir desta metáfora, onde o Baobá simboliza os elementos culturais africanos que resistem e se recriam aqui no Brasil, é que foi construído este Plano de Ação que se constitui em uma ação educativa para as relações étnico-raciais.

As atividades desenvolvidas com os alunos em sala de aula buscam principalmente a valorização dos elementos culturais de matrizes negras, e para isso foi necessário construir com eles conceitos e idéias positivas a respeito do assunto. Além de textos, foram desenvolvidas atividades lúdicas como leituras e declamações de poemas, apreciações musicais e audiovisuais. Estão também previstas visitas a espaços públicos visando aumentar o envolvimento e a motivação dos alunos.

Este Plano de Ação não pode se limitar a uma prática desenvolvida em um determinado tempo e espaço. Assim ele nos convida a participar, não só como leitores, mas também como difusores e propagadores de ações que respeitem e valorizem a diversidade cultural.

1.1 Sobre minha docência

Sou professor de Geografia da Rede Municipal há oito anos. Durante este tempo permaneci em uma única escola (Santos Dumont). Atendo a alunos de classes sociais baixas, a maioria moradores de aglomerados da região leste de Belo Horizonte. Alunos com formação precária, defasados em conhecimentos básicos, e de difícil lida. Trabalho com eles parte do conteúdo de minha disciplina, mas sempre procurando relacioná-la a questões do dia-a-dia dos alunos.

Em 2009, através do convênio entre a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte e a Faculdade de Educação da UFMG, iniciei o curso de Pós- Graduação Lato Sensu em Docência na Educação Básica- Área de concentração: História da África e

cultura Afro-brasileira. Este curso modificou em parte, minha prática docente, principalmente em relação a assuntos ligados a questão étnico-racial, dando um embasamento histórico e sociológico para uma abordagem mais aprofundada sobre o tema. Assim ficou claro, que para melhor trabalhar esta questão étnico-racial dentro de sala de aula, seria importante a criação de um plano de ação que, tendo como referência as determinações da Lei 10.639/03 que, de acordo com *Nilma Lino Gomes (2005)*, possibilite o diálogo escola/afro-brasilidade, resgatando e elevando a auto-estima do alunado negro, de forma a abrir-lhe espaço para uma vivência escolar que o respeite como sujeito de uma história de valor, que é também a do povo brasileiro.

1.2 Caracterização do contexto, do público e demanda de abordagem pedagógica étnico racial

1.2.1 A Escola Municipal Santos Dumont

A Escola foi inaugurada em 1975, apenas com o Ensino Fundamental, sendo implantado o Ensino Médio no início da década de 1980. Possui uma área física de 17.000 m² distribuídos em 28 salas de aulas, com 23 atualmente em uso, um laboratório de informática com 16 computadores, duas quadras esportivas e um ginásio poli-esportivo, vários pátios entre os blocos de salas de aulas com jardins e árvores de pequeno e grande porte, uma ampla biblioteca, um grande auditório, uma cantina, dois galpões grandes que eram utilizados para aulas profissionalizantes (carpintaria, marcenaria) e hoje se encontram desativados, servindo apenas como depósito. Havia até pouco tempo uma grande horta que era cultivada por professores que, por falta de uma política de apoio dos órgãos gestores também foi desativada.

1.2.2 A comunidade escolar e o seu entorno

A Escola se localiza no bairro de Santa Efigênia – bairro de classe média com boa infra-estrutura básica, como: linha de ônibus e metrô, esgoto canalizado, água tratada, rede elétrica, etc. O bairro é cercado por outros de classes econômicas variadas, como: Serra, Santa Tereza, Paraíso, Pompéia, Saudade, Fazendinha, Vila São João, Taquaril. Por concentrar a região hospitalar, o bairro serve de “passagem” e “aglomeração” para muitos, tendo um intenso trânsito de veículos e pedestres. Entretanto, a Escola não serve à comunidade local. Esta situação é relativamente

nova, pois há pouco mais de uma década a Escola servia à comunidade local, que por aquele espaço tinha um enorme carinho e respeito. Esta mudança foi consequência de uma política desenvolvida pela Prefeitura Municipal (implantação da Escola Plural) e também de um contexto global de divisão sócio-econômica para qual o mundo caminha.

Os alunos atualmente, em sua maioria, não residem no bairro onde se encontra a Escola, são oriundos de bairros vizinhos, principalmente os mais pobres - Aglomerado da Serra, Fazendinha e Taquaril. Isto nos leva a inferir sobre o mau zelo e a depredação que a Escola sofre pelos alunos atuais. Como eles moram em áreas distantes da Escola, não se inserem dentro do contexto local, pode ser que neles sejam gerados um sentimento de não pertencimento aquele local.

1.2.3 Corpo docente, corpo discente e funcionários

O corpo docente é formado atualmente por 72 professores sendo que 65 estão efetivamente em sala de aula. O corpo discente é formado por mais ou menos 1500 jovens distribuídos em três turnos sendo que as maiores concentrações ocorrem nos turnos da manhã e da tarde. Existem cerca de 28 funcionários (efetivos e terceirizados).

A Escola perdeu recentemente muitos alunos e alguns professores, com o fechamento e fusão de turma em função do fim do Ensino Médio e a não ampliação do Ensino Fundamental. Tal situação na Escola gerou descontentamento de toda a comunidade. Além disso, o 3º turno – o noturno- parece estar com seus dias contados, pois há o interesse do órgão gestor em fechá-lo. É triste ver uma Escola outrora tão importante, que oferecia variadas oficinas, que possuía uma equipe de ginástica olímpica que rivalizava com a do Minas Tênis Clube, estar nessa situação atual.

A Escola, na última década, apesar de continuar com praticamente a mesma equipe de professores, perdeu todo o seu valor e conceito junto à comunidade local que, por sua vez deixou de procurar aquele local para matricular seus filhos. Os moradores locais procuram escolas distantes, públicas também, mas que têm “melhor fama”.

1.2.4 Os alunos e a relação com a escola e com os professores

A composição do grupo de alunos dessa escola demonstra que eles são oriundos das camadas populares, alguns vivendo em situação de extrema pobreza e

miséria. Para nós, professores, prevalece uma percepção de que os pais matriculam seus filhos, preocupados muito mais com o dinheiro que receberão da bolsa-família do que com o aprendizado e a educação dos mesmos. Entre os alunos predomina a preocupação só em relação à freqüência, pois sabem que é praticamente a única forma de obstáculo que enfrentarão, visto que a freqüência é a única normatização oficial que permite a reprovação, de acordo com a LDB-EN 9.394-96.

A escola é vista por eles apenas como um espaço de “socialização”, onde eles podem se relacionar com seus pares, sem vínculos efetivos com o conhecimento. São freqüentes os casos de desrespeito, agressões morais e até físicas aos docentes. Há também alunos oriundos da classe média, mas em menor número.

1.2.5 Perfil dos alunos de uma turma do segundo ano do Ensino Médio:

Para estabelecer este perfil foi aplicado um questionário aos alunos e em seguida tabulado os dados, onde pode-se chegar às seguintes constatações:

- Faixa etária:

Há alunos de 15 a 50 anos, mas predominam aqueles entre 18 e 25 anos.

- Religiosidade:

Evangélicos e católicos, sendo a maioria evangélicos.

- Condições sócio econômicas da família (renda e gastos):

A maioria possui renda familiar entre 1 e 2 salários mínimos. Sendo a moradia, alimentação, roupas e transporte, os principais gastos.

- Hábitos culturais:

Assistir televisão, freqüentar Igreja e “shopping center”.

- Relação com a escola e expectativas futuras:

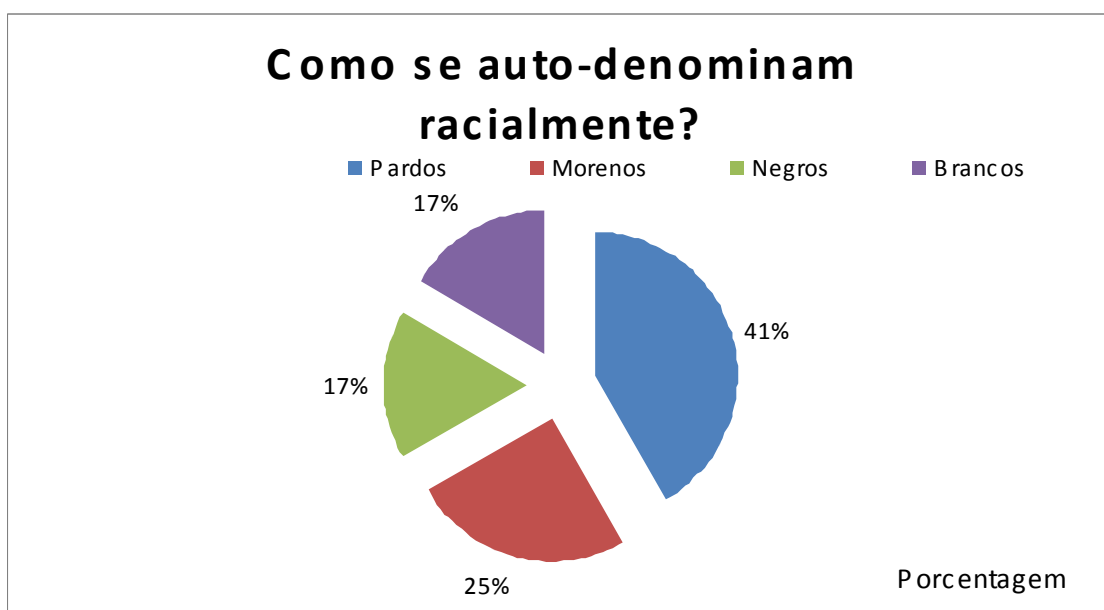
A escola se encontra em um local fora do contexto da maioria dos alunos, assim para muitos deles lá é, antes de tudo, o lugar da socialização, da “paquera”, do “encontro”. A relação e o compromisso com os estudos ficam muitas vezes em segundo plano.

Entre eles existe uma expectativa em relação à vida profissional, porém desvinculada da vida acadêmica. A maioria deles se preocupa apenas com o certificado de conclusão do Ensino Médio, pois os serviços que prestam lhes exigem. O ingresso em uma Universidade é algo que poucos planejam.

1.2.6 Os alunos de uma turma do Segundo ano do Ensino Médio e as relações étnicos raciais

Como primeira parte do Plano de Ação, procurei diagnosticar junto aos alunos o conhecimento e os sentidos que eles atribuem as questões como: a identidade étnico racial, a identidade negra, a cultura africana em nossa sociedade brasileira, o continente africano e sua relação com o Brasil, de maneira que me permitisse compreender as faces dos preconceitos presentes em suas experiências e assim, desenvolver ações educativas com o sentido de transformá-los. Para isso, elaborei e apliquei um questionário em uma turma do 4º ciclo, composta por 30 alunos. Sendo que destes, 24 participaram.

Em relação a identidade étnico racial, foi pedido em um item do questionário, que os próprios alunos se classificassem, sem lhes dar opções prévias, como nos questionários convencionais. A partir dessa questão obtive os dados levantados que demonstram a seguinte auto-denominação racial dos alunos: 10 pardos, 6 morenos, 4 negros, 4 brancos. Exposto no gráfico abaixo:



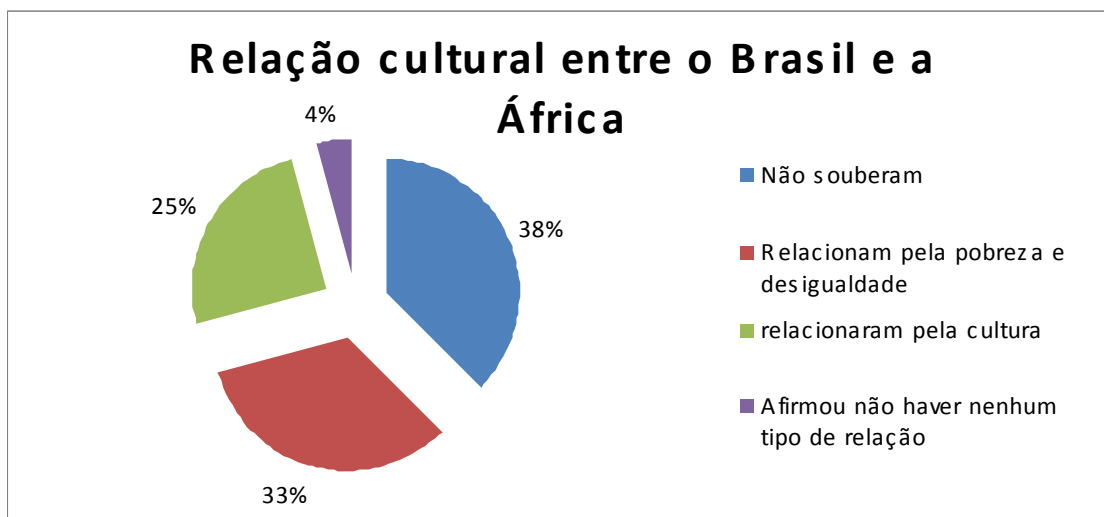
Diante desses dados, podemos analisar que a turma, é composta em sua maioria por alunos negros que não se auto declaram como tal, pois criam variações (pardos, morenos) para se identificarem. Tal fato me permite inferir que eles procuram essas denominações pela ausência de uma referência positiva em relação a ser negro.

Tal análise é condizente com o que nos aponta as Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais:

é importante tomar conhecimento da complexidade que envolve o processo de construção da identidade negra em nosso país. Processo esse, marcado por uma sociedade que, para discriminar os negros, utiliza-se tanto da desvalorização da cultura de matriz africana como dos aspectos físicos herdados pelos descendentes de africanos. Nesse processo complexo, é possível, no Brasil, que algumas pessoas de tez clara e traços físicos europeus, em virtude de o pai ou a mãe ser negro(a), se designarem negros; que outros, com traços físicos africanos, se digam brancos. É preciso lembrar que o termo negro começou a ser usado pelos senhores para designar pejorativamente os escravizados e este sentido negativo da palavra se estende até hoje (BRASIL, 2003, p.15).

Cabe ainda ressaltar que na auto-declaração dos alunos não aparece nenhuma variação de indígena, que é uma matriz identitária forte na constituição da nossa sociedade e também muito discriminada socialmente.

Quanto às questões relativas ao continente africano e ao Brasil, pedi aos alunos que estabelecessem alguma relação entre eles e assim, obtive os seguintes dados: 9 não souberam, 8 relacionaram pela pobreza, 6 pela cultura e 1 afirmou não haver nenhum tipo de relação. Como podemos ver no gráfico seguinte:



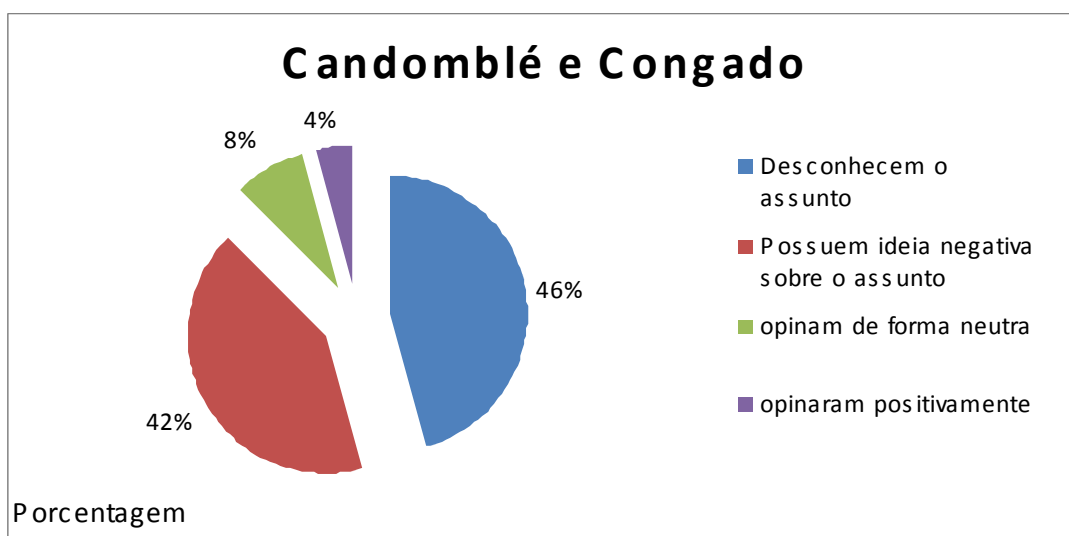
Analisando o gráfico acima, podemos perceber que:

- 38% não souberam, ou afirmou não haver nenhum tipo de relação.
- 33% relacionam pela desigualdade social e pela pobreza.
- 25% relacionam o Brasil com o continente africano pela cultura, sendo que dos seis que afirmaram haver alguma relação, apenas dois expuseram concretamente os aspectos culturais, identificados em ambos: comida, dança e costume.
- 4% afirmaram não haver nenhum tipo de relação.

Os demais se referem à cultura de uma maneira genérica sem apontar concretamente os elementos que a institui. Ainda que insuficiente, para uma leitura consistente sobre a percepção desses alunos em relação a religiosidade africana e afro-brasileira, busquei também dados específicos sobre o candomblé e o congado, perguntando-os se eles os conheciam e que ideia tinham acerca dos mesmos.

Desta forma, obtive os seguintes dados: 11 desconhecem o assunto, 10 possuem uma ideia negativa sobre o assunto, 2 opinaram de forma neutra, 1 opinou positivamente. Exposto no gráfico abaixo:

Que ideia fazem sobre o candomblé e o congado:



Analisando o gráfico acima e os questionários, podemos perceber que:

- 46% desconhecem ou não quiseram opinar.
- 42% possuem ideia negativa, associando os cultos afro-brasileiros a rituais satânicos ou a “feitiçarias”.
- 8% limitaram-se a falar do que se trata.
- 4% representa apenas um aluno (a), em um total de 24 analisados.

Diante desse contexto apresentado pela turma de alunos, podemos evidenciar um quadro de preconceito e desconhecimento sobre as questões que envolvem a temática afro-brasileira, por parte da maioria dos alunos, sendo muito relevante um trabalho de abordagem da identidade cultural em uma perspectiva multiétnica, capaz de promover o diálogo e ações que respeitem as diversas manifestações culturais.

2. JUSTIFICATIVA

Conforme podemos ver no item anterior, o próprio contexto já nos evidencia o porquê deste trabalho e sua relevância. Contudo, essa demanda de um trabalho de educação das relações étnico-raciais se justifica de maneira mais ampla, pois trata-se de uma questão social que reclama por novos ordenamentos educativos.

Os indícios de racismo e de discriminação aos afrodescendentes estão presentes na sociedade e, conseqüentemente, na escola, que tem como um de seus papéis, promover a transformação de um povo, de modo mais democrático e comprometido, estimulando a formação de valores, hábitos e comportamentos que respeitem as diferenças existentes entre os diversos grupos que compõem a sociedade brasileira, valorizando o ser humano.

Nesse espaço é possível viabilizar a reeducação das relações sociais e étnicas, sendo necessárias estratégias pedagógicas de combate ao racismo e a discriminação.

A identidade negra é uma construção social, histórica, cultural e plural. Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros brasileiros. A construção da identidade negra no Brasil implica em uma tomada de consciência de um segmento étnico-racial excluído da participação na sociedade.

Quando não refletimos sobre essa situação e quando a sociedade não constrói formas, ações e políticas na tentativa de criar oportunidades iguais para negros e brancos estamos contribuindo para a reprodução do racismo. Se queremos lutar contra o racismo precisamos reeducar a nós mesmos, às nossas famílias, às escolas, aos profissionais da educação, e à sociedade como um todo. Para isso precisamos estudar e compreender mais sobre a história da África e da cultura afro-brasileira e aprender a nos orgulhar da marcante, significativa e respeitável ancestralidade africana no Brasil, compreendendo como esta se faz presente na vida e na história de negros, índios, brancos e amarelos brasileiros. Como nos aponta as Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais:

A relevância do estudo de temas decorrentes da história e cultura afro-brasileira e africana não se restringe à população negra, ao contrário, diz respeito a todos os brasileiros, uma vez que devem educar-se enquanto cidadãos atuantes no seio de uma sociedade multicultural e pluriétnica, capazes de construir uma nação democrática (BRASIL, 2003, p.17).

Assim esta luta é de todos nós, de todas as etnias, para que uma democracia racial se construa de fato, deixando de ser um mito. É neste sentido que justifico e defendo este trabalho.

3. OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Promover a implementação da Lei 10.639/03 a partir de reflexões sobre identidade, diversidade cultural e racial e respeito às diferenças, visando despertar e fortalecer a consciência negra através do enfoque das contribuições histórico-culturais das raízes africanas, propondo metodologias para sua divulgação e aplicação no espaço da educação escolar.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Estimular o conhecimento do continente africano em sua forma mais abrangente e em sua especificidade, em relação à nação africana, enfatizando seus aspectos geográficos, históricos e culturais;
- Contextualizar historicamente a importância da cultura africana para a formação étnica e cultural do povo brasileiro;
- Apontar traços da cultura africana nas mais diversas vertentes da cultura brasileira;
- Ampliar o conceito da oralidade como valor civilizatório africano e concebê-la como importante instrumento da formação do aprendizado, do pensamento e da cultura brasileira;
- Promover o diálogo da comunidade escolar no que diz respeito às questões étnico-raciais;
- Identificar situações de preconceitos raciais existentes no espaço escolar;
- Promover ações que respeitem e valorizem a diversidade de manifestações culturais;
- Produzir materiais didáticos que possam ser utilizados em sala de aula, na perspectiva de se promover a interação do sujeito negro com o meio social, construindo uma identidade social baseada no respeito às diferenças étnico-raciais.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 Identidade étnico racial

Quando falamos de identidade é importante frisar que trabalhamos com vários tipos, mas que sem dúvida devemos destacar a identidade cultural, entendida como um sentimento de pertença a um grupo ou cultura.

Ao abordarmos os elementos identitários, estamos não só apontando elementos culturais específicos dos povos, como também buscando mostrar a inter-relação existente entre os mesmos. Pois conforme já disseram vários autores, todas as tradições culturais são tributárias de outras culturas, conseqüentemente, não há culturas puras ou totalmente isoladas, pois nenhuma cultura é inerte e autônoma. Porém não devemos deixar de lado o viés crítico e político sobre o processo de dominação ao qual estão submetidos os países chamados “periféricos”. Assim podemos perceber também que há uma imposição de valores e hábitos, sobretudo os dos europeus.

Para Milton Santos (2000), “o processo de globalização tende a uniformizar os grupos culturais, e logicamente uma das conseqüências seria o fim da produção cultural, enquanto gerador de novas técnicas e sua geração original”. Isso refletiria, ainda, na perda de identidade, primeiro das coletividades, podendo ir até ao plano individual. Assim estes “povos periféricos” devem procurar uma constante reafirmação de seus valores culturais, de sua identidade enquanto etnia.

4.2 Identidade da fala- Oralidade

Porém cabe aqui lembrar que diferentemente da cultura ocidental, a africana é baseada em outras formas e elementos culturais e, que estes se sustentam através principalmente de uma oralidade. Assim a identidade cultural da maioria dos povos africanos é baseada na palavra, que se traduz em cantos, gestos, rituais que necessitam de um agente transmissor, ou verbalizador, para que esta tradição identitária não se perca. Aí a importância dos guardiões da palavra falada, os tradicionalistas e os griots, que eram contadores de histórias.

O que a civilização ocidental não percebe é que a oralidade para os povos africanos não é apenas a ausência de escrita, como se esta evidenciasse um maior ou menor valor de desenvolvimento. É algo muito maior, pois os cantos, ritos e danças comungam com a natureza de forma espontânea e verdadeira e não

precisam ser pensados ou registrados. São partes dela, sendo também como ela, eterna e mutável.

Cabe aqui, a fala de *Tierno Bokar*:

A escrita é uma coisa e o saber é outra. A escrita é a fotografia do saber, mas ela não é o saber em si. O saber é uma luz que está no homem. É a herança de tudo o que nossos ancestrais puderam conhecer e que nos transmitiram em germe, exatamente como o Baobá, que já está contido em potência em sua semente (1997, THOT n.64).

O poema Mali¹ abaixo exprime a importância e o valor da palavra:

“A fala é divinamente exata,
convém ser exato com ela.
A língua que falsifica a palavra
vicia o sangue daquele que mente.”

4.3 Identidade negra

A identidade não é algo inato. Ela se refere a um modo de ser no mundo e com os outros. Não se prende apenas ao nível da cultura. Ela envolve, também, os níveis sócio-político e histórico em cada sociedade. Assim, a identidade vista de uma forma mais ampla e genérica é invocada quando “um grupo reivindica uma maior visibilidade social face ao apagamento a que foi, historicamente submetido” (NOVAES, 1993:25).

“Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros(as)” (GOMES, 2005).

4.4 Diversidade sociocultural brasileira e educação para as relações étnico raciais

O Brasil é ainda hoje visto, pela maioria das pessoas, como um “paraíso racial”, o país onde todas as “raças” convivem harmonicamente. A grande mídia continua a veicular esta imagem, fortalecendo o “mito da democracia racial”.

Segundo *Kabengele Munanga*,

O modelo sincrético, não democrático, construído pela pressão política e psicológica exercida pela elite dirigente, foi assimilacionista. Ele tentou assimilar as diversas identidades existentes na identidade nacional em

¹ Poema retirado do livro “A África na sala de aula: Visita à história contemporânea”, de autoria de Leila Leite Hernandez, listado nas Referências B

construção, hegemonicamente pensada numa visão eurocêntrica. Embora houvesse uma resistência cultural tanto dos povos indígenas como dos alienígenas que aqui vieram ou foram trazidos pela força, suas identidades foram inibidas de manifestar-se em oposição à chamada cultura nacional. Esta, inteligentemente, acabou por integrar as diversas resistências como símbolos da identidade nacional. Por outro lado, o processo de construção dessa identidade brasileira, na cabeça da elite pensante e política, deveria obedecer a uma ideologia hegemônica baseada no ideal do branqueamento. Ideal esse perseguido individualmente pelos negros e seus descendentes mestiços para escapar aos efeitos da discriminação racial, o que teve como consequência a falta de unidade, de solidariedade e de tomada de uma consciência coletiva, enquanto segmentos politicamente excluídos da participação política e da distribuição equitativa do produto social.”(2004,p.109,110).

Assim esta participação e ocupação dos espaços físicos, sociais e políticos entre todas as etnias não se faz de maneira harmônica. Há um espaço onde o negro é aceito e um outro onde não. É um tipo de segregação sócio-espacial que ocorre em vários ambientes.

Fruto do reconhecimento dessa situação de desigualdade na diversidade é que emergiu a Lei 10.639/2003, estabelecendo a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africanas.

Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana,

O reconhecimento implica justiça e iguais direitos sociais, civis, culturais e econômicos, bem como a valorização da diversidade daquilo que distingue os negros dos outros grupos que compõem a população brasileira. E isto requer mudança nos discursos, raciocínios, lógicas, gestos, posturas, modo de tratar as pessoas negras. Requer também que se conheça a sua história e cultura apresentadas, explicadas, buscando-se especificamente desconstruir o mito da democracia racial na sociedade brasileira; mito este que difunde a crença de que, se os negros não atingem os mesmos patamares que os não negros, é por falta de competência ou de interesse, desconsiderando as desigualdades seculares que a estrutura social hierárquica cria com prejuízos para os negros.

Reconhecimento requer a adoção de políticas educacionais e de estratégias pedagógicas de valorização da diversidade, a fim de superar a desigualdade étnico-racial presente na educação escolar brasileira, nos diferentes níveis de ensino (BRASIL, 2003, p.12,13).

Assim a valorização e o reconhecimento sobre a importância cultural da matriz negra é o ponto de partida para se buscar uma sociedade mais democrática, onde as várias etnias possam se expressar.

A conquista pelo espaço cultural precede a do espaço físico, ou seja, a cultura é a base de partida para uma ocupação mais sólida dos diversos espaços.

5. METODOLOGIA E TÉCNICAS

5.1 Identidade e sua constituição

-Identificar elementos culturais identitários a partir de uma música ou um poema;

-Descobrir e pesquisar os elementos culturais que nos rodeiam em nosso cotidiano;

-Construir textos ou roteiro para encenação de uma peça teatral sobre a questão identitária;

-Explorar a história da família de cada aluno, relacionado-a a questão identitária.

5.2 Diversidade sócio-cultural no Brasil

- Exibir filmes que retratem hábitos culturais das várias etnias;

- Visitação a espaços e centros culturais;

- Utilização da música como elemento valorizador da cultura;

- Explorar as características dos povos e as permanências de sua cultura no contexto atual;

- Trabalho com literatura específica, dando ênfase à bibliografia de vultos relevantes para a história dos negros e afrodescendentes (utilização dos kits literários);

- Apresentação de imagens positivas distribuídas pela SMED, por meio de cartazes, DVDs, revistas, jornais, viabilizando o fortalecimento do orgulho do pertencimento étnico-nacional;

- Convite à participação da comunidade escolar em diálogos e projetos sobre identidade negra e ações afirmativas - valorizar as heranças africanas, promovendo discussões sobre etnias, raça e cultura;

- Identificar situações de preconceitos raciais excludentes no espaço escolar e criar formas de combatê-las.

5.3 CRONOGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DAS AÇÕES EDUCACIONAIS

Nº de aulas	Conteúdo	Objetivos	Atividades	Material didático	Avaliação
10	-Identidade; -Etnocentrismo/ Eurocentrismo; -Colonialidade; -Identidades geoculturais.	-Conhecer os conceitos; -Buscar uma visão crítica sobre os temas.	-Aula expositiva; -Leitura de textos; -Seminários.	-Textos; -Livros Recursos audio- visuais.	-Redação de textos; -Exercícios; -Participação em seminários.
10	-Matrizes étnicas do Brasil; -Identidade negra; -Espaços de segregação.	-Identificação das matrizes; -Reconhecer o valor cultural da matriz negra; -Identificação das formas de segregação étnico-raciais.	-Leitura de textos; -Debates; -Apresentação de filmes; -Visitação a espaços culturais.	-Textos; -Livros Recursos audio- visuais.	-Redação de textos; -Participação em debates.
10	-Diversidade sócio-cultural.	-Percepção e valorização das variadas culturas.	-Apresentações: Declamações de poemas, exposição de desenhos, encenação teatral.	-Livros Recursos audio- visuais.	-Participação nas apresentações.

6. AVALIAÇÃO

Os alunos foram avaliados gradativamente, de acordo com a etapa de desenvolvimento do Plano de Ação, por meio da construção de textos, participação em seminários e debates e apresentações em atividades artísticas desenvolvidas por eles próprios.

Trabalhos como este, são fundamentais para gerar uma maior motivação e participação dos alunos, levando-os a perceber a escola de uma outra forma, onde os saberes estão relacionados com a realidade de vida deles e que estes conhecimentos podem ajudá-los a entender melhor a sociedade e a se posicionarem de forma mais consciente perante as questões étnico-raciais.

O aumento do envolvimento dos alunos com a temática proposta, leva-nos a conferir o pleno êxito do presente Plano de Ação, porém é de fundamental importância percebermos que este tipo de ação educativa, sobre tão delicado assunto, estará sempre em constante construção, não só por meio deste Plano, mas por variadas práticas que perpassam todas as disciplinas escolares.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se nossa formação social e nossa escola estão dominadas por uma visão eurocêntrica, como poderíamos articular uma prática que se oponha a isto?

Na realidade não seria apenas uma prática, seria um conjunto de atitudes pautadas em uma outra perspectiva de sociedade.

Não podemos achar que a escola por si só será capaz de mudar esta visão eurocêntrica de mundo que perpassa em todos as esferas de nossa sociedade ocidental. Hoje o principal meio de sociabilidade é a mídia imagética, principalmente a televisão e a internet que, dentro do jogo capitalista do consumo, reforçam o que *Grosfoguel* chama de hierarquias eurocêntricas. Onde o comportamento de nossa sociedade obedece a normas pré-estabelecidas ao longo dos séculos de dominação europeia sobre vários países. Gerando uma mentalidade pragmática, míope, que enxerga todas as culturas de acordo com a sua ótica racional.

Mas cabe aqui lembrar as ideias dos chamados “culturalistas”, entre eles *Michel de Certeau (1994)*, que enfatizava a revolução como um processo gradativo, recorrente e incessante e não apenas brusco e repentino. “Pequenos golpes na pedra do forte”, ou seja, há formas de se opor a uma situação sem que seja necessário uma completa ruptura. Assim podemos e devemos recorrer a “pequenas práticas” opositoras a esta visão eurocêntrica, dentro e fora da sala de aula, buscando mostrar aos alunos que existem outras formas de perceber o mundo.

A Geografia e a História têm papel crucial neste projeto. As desconstruções vão desde a forma de perceber o espaço cartográfico até a cronologia de acontecimentos históricos regidos pela visão umbilical do eu-europeu. Os livros didáticos, podem ser utilmente utilizados as avessas, cada informação eurocêntrica funciona como um sinal de alerta, evidenciando a marginalização na forma de tratamento a que estão sujeitas as outras culturas.

Quando buscamos o rompimento com esta visão eurocêntrica do mundo é importante destacar, como nos aponta as Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações étnico-Raciais, que:

Não se trata de mudar um foco etnocêntrico marcadamente de raiz europeia por um africano, mas de ampliar o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural racial, social e econômico-brasileiro (BRASIL,2003, p.17).

Contudo, lidamos ainda hoje com um currículo etnocêntrico que se reflete em práticas didáticas que reforçam o eurocentrismo. Assim se queremos uma educação que valorize a diversidade, temos de lutar por uma nova política educacional que respeite os valores culturais de todas as etnias.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMÂNCIO, Íris M. C.; GOMES, Nilma L.; JORGE, Mirian L. S. **Literaturas Africanas e Afrobrasileira na prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BORGES, Edson; MEDEIROS, Carlos Alberto; D'ADESKY Jacques. **Racismo, Preconceito e Intolerância**. São Paulo: Atual, 2002.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação, “**Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana**” CNE/CP. Diário Oficial da União. Brasil, Junho 2004.

BRASIL. **Lei nº 10.639 de 09 de janeiro de 2003** Altera a lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

HAMPÂTÉ, Amadou. **Aspects de La Civilization Africaine**, Paris, ed. Présence Africaine, 1972. Tradução de Daniela Moreau, THOT n.64, 1997).

HERNANDEZ, Leila Leite. **A África na sala de aula: Visita à história contemporânea**. São Paulo: Selo Negro, 2005.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização – do pensamento único a consciência universal**. São Paulo: Record. 2000.

SANTOS, Renato Emerson dos. **Refletindo sobre a Lei 10.639: possibilidades e necessidades do ensino de Geografia a partir de um tensionamento do Movimento Negro**. Trabalho apresentado no XII Encontro de Geógrafos de América Latina- EGAL. Montevideu, 2009.

SERRANO, Carlos; WALDMAN, Maurício. **Memória D'África: a temática africana em sala de aula**. São Paulo: Cortez, 2008.